

JUNTO, JUNTOS, JUNTINHOS E AFINS: PROPRIEDADES SEMÂNTICAS E MORFOSSINTÁTICAS DE UM ITEM ANTIDISTRIBUTIVO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

JUNTO, JUNTOS, JUNTINHOS Y SIMILARES: PROPIEDADES SEMÁNTICAS Y
MORFOSINTÁCTICAS DE UN ÍTEM ANTIDISTRIBUTIVO EN PORTUGUÉS BRASILEÑO

JUNTO, JUNTOS, JUNTINHOS AND THE LIKE: SEMANTIC AND MORPHOSYNTACTIC
PROPERTIES OF AN ANTI-DISTRIBUTIVE ITEM IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Ana Carolina de Sousa Araújo^{*}

Renato Miguel Basso^{**}

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: O objetivo do presente artigo é analisar as propriedades morfossintáticas do item 'junto' e de suas variações no português brasileiro (PB), com o intuito de compreender se e como tais propriedades podem influenciar nas diferentes interpretações que as sentenças modificadas pela expressão podem ter no PB. Para tanto, analisaremos o comportamento das variações morfológicas de número ('junto', 'juntos'), gênero ('juntas') e grau ('juntinho', 'juntinhos', 'juntinhas') do termo, bem como o seu funcionamento em diferentes domínios sintáticos (nominal e verbal). Dessa forma, ao final deste trabalho, poderemos demonstrar como o comportamento morfológico e sintático de uma expressão pode influenciar em sua interpretação semântica, além de contribuir para os estudos semânticos do PB de forma geral.

PALAVRAS-CHAVE: Junto. Morfossintaxe. Semântica.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar las propiedades morfosintácticas del ítem 'junto' y sus variaciones en el portugués brasileño (PB), con el objetivo de comprender si y cómo dichas propiedades pueden influir en las diferentes interpretaciones que pueden tener las oraciones modificadas por la expresión en PB. Para ello, analizaremos el comportamiento de las variaciones morfológicas en número ('junto', 'juntos'), género ('juntas') y grado ('juntinho', 'juntinhos', 'juntinhas') del término, así como su

¹ Este artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2023/03663-2.

^{*} Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo nº 2024/05082-0. E-mail: anacsa@estudante.ufscar.br.

^{**} Professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), doutor e mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com pesquisas que se concentram na descrição de fenômenos linguísticos usando as ferramentas da semântica e pragmática formais. E-mail: rmbasso@ufscar.br.

funcionamiento en diferentes dominios sintácticos (nominal y verbal). Por lo tanto, al final de este trabajo, podremos demostrar cómo el comportamiento morfológico y sintáctico de una expresión puede influir en su interpretación semántica, además de contribuir a los estudios semánticos del PB en general.

PALABRAS CLAVE: Junto. Morfosintaxis. Semántica.

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the morphosyntactic properties of the item 'junto' and its variations in Brazilian Portuguese (BP), with the aim of understanding whether and how such properties can influence the different interpretations that sentences modified by the expression can have in the language. To this end, we will analyze the behavior of morphological variations in number ('junto', 'juntos'), gender ('juntas') and degree ('juntinho', 'juntinhos', 'juntinhas') of the term, as well as its functioning in different syntactic domains (nominal and verbal). Therefore, at the end of this work, we will be able to demonstrate how the morphological and syntactic behavior of an expression can influence its semantic interpretation, in addition to contributing to semantic studies of BP in general.

KEYWORDS: Junto. Morphosyntax. Semantics.

1 INTRODUÇÃO

Conforme apontado por certos autores, como Basso e Araújo (2024), no português brasileiro (PB), e Moltmann (2004) que, por sua vez, retoma as ideias de Bennett (1974), Hoeksema (1983), Schwarzschild (1992, 1994), no inglês, expressões como 'junto(s)' e *together* são comumente classificadas como itens antidistributivos ou coletivizantes, uma vez que impedem uma leitura distribuída de um predicado que, em princípio, poderia ter tal leitura, como atesta o contraste entre os exemplos abaixo:

1) a. João e Maria foram para Campinas.

b. João and Mary went to Campinas.

Leitura coletiva: um único evento em que João e Maria viajaram juntos.

Leitura distributiva: dois eventos distintos, um com João como participante e outro com Maria como participante.

2) a. João e Maria foram para Campinas juntos.

b. João and Mary went to Campinas together.

Leitura coletiva: um único evento em que João e Maria viajaram juntos, *i.e.* ao mesmo tempo.

Diante disso, há, pelo menos, dois pontos a serem investigados. O primeiro deles, analisado por Basso e Araújo (2024), tem a ver com os traços semânticos que levam à interpretação antidistributiva de 'juntos', dado que tal item apresenta, segundo os autores, ao menos cinco interpretações distintas. Assim, para os autores, uma vez que 'juntos' realiza uma espécie de soma de entidades, a antidistributividade do termo estaria relacionada ao [...] resultado de aplicar o predicado somente à soma (ou grupo) resultante da aplicação de "juntos" (Basso; Araújo, 2024, p. 20). O segundo ponto, que será o foco deste artigo, é que 'juntos', diferentemente de *together*, não é uma palavra invariável e apresenta morfologia de gênero e número, bem como pode receber sufixos aumentativos² e diminutivos. Como será explorado neste artigo, as características morfossintáticas de 'junto' podem influenciar na forma como as sentenças em que tal expressão ocorre são interpretadas. Neste texto, usaremos JUNTO como uma metaforma para nos referirmos às possibilidades de realização deste item, que serão individualmente exploradas aqui.

Além de ter formas superficiais diferentes, as formas de JUNTO podem também ocupar diferentes posições sintáticas que resultam em interpretações distintas. Assim sendo, outro objetivo deste artigo é explorar a relação entre a morfologia, a sintaxe e a interpretação resultante de diferentes formas e posições de JUNTO no PB.

² 'Juntão' e 'juntaço' podem ser entendidos como aumentativos de 'junto'. No entanto, tais formas são menos comuns do que as variações em gênero e número e a forma no diminutivo. Por esse motivo, elas não serão exploradas aqui.

Para tanto, o presente artigo está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresentaremos as possibilidades morfológicas e sintáticas de JUNTO que serão aqui investigadas. Na seção 3, discorreremos sobre as interpretações para ‘juntos’ propostas por Basso e Araújo (2024); apesar de os autores terem lidado apenas com a forma ‘juntos/as’, argumentaremos que as interpretações encontradas funcionam para todas as formas do item. Finalmente, na seção 4, investigaremos o funcionamento morfossintático das formas de JUNTO e as interpretações resultantes. A seção de conclusão retomará o caminho percorrido e pontuará algumas questões em aberto.

2 SOBRE JUNTO E SUAS FORMAS

Morfologicamente, JUNTO pode variar em: (i) número, ocorrendo tanto no singular, como no exemplo (1), quanto no plural, como pode ser visto em (2); e em (ii) gênero, como em (3). Além disso, a expressão também pode ocorrer no (iii) diminutivo, como mostra o exemplo (4), e esse diminutivo pode apresentar marcas de gênero e número, como demonstram as sentenças em (5) e (6):

- (1) João e Maria sentaram junto.
- (2) João e Maria sentaram juntos.
- (3) Ana e Maria sentaram juntas.
- (4) João e Maria sentaram juntinho.
- (5) Ana e Maria sentaram juntinhas.
- (6) João e Maria sentaram juntinhos.

No que diz respeito à sintaxe, JUNTO pode ocorrer em diferentes posições da sentença e modificar tanto nomes quanto verbos, o que pode ser visto nos exemplos (7) a (10) abaixo.

- (7) Juntos, João e Pedro consertaram o carro.
- (8) João e Pedro juntos consertaram o carro.
- (9) João e Pedro consertaram juntos o carro.
- (10) João e Pedro consertaram o carro juntos.

Com base nos exemplos, podemos, então, questionar se as possibilidades morfossintáticas de JUNTO podem influenciar na interpretação de sentenças que contenham essa expressão. Em outras palavras, podemos pensar se as sentenças (1) e (2), por exemplo, possuem a mesma leitura, ou se é possível interpretar da mesma forma o que está posto em (9) e em (10).

Para responder a essa questão, é necessário, primeiramente, termos uma descrição das interpretações de JUNTO para o PB. Para isso, iremos nos basear no trabalho de Basso e Araújo (2024), que investigaram as interpretações do termo no plural, isto é, a expressão ‘juntos/as’. Acreditamos, porém, que tais leituras, ou, ao menos, a maior parte delas, podem ser estendidas também para a variação do termo no singular e para seu uso no diminutivo. Passemos, então, às interpretações de ‘juntos/as’ na seção abaixo.

3 AS INTERPRETAÇÕES DE ‘JUNTOS/AS’

Baseados nos trabalhos de Lasersohn (1998) e Moltmann (2004) para o *together* no inglês, e nas observações de Gomes (2006) para o PB, Basso e Araújo (2024) apresentam cinco interpretações diferentes para o item ‘juntos/as’ no PB, cada uma delas com propriedades semânticas específicas que as distinguem umas das outras. Apesar de, no estudo citado, os autores focarem apenas nas formas plurais de JUNTO, argumentaremos que todas as interpretações que serão apresentadas ou, ao menos, a maioria delas, podem ser aplicadas às variações morfológicas do item no singular e no diminutivo.

A primeira interpretação é aquela que Basso e Araújo (2024) chamam de “interpretação de combinação de elementos”. Nesta leitura, o papel de ‘juntos’ é combinar dois ou mais elementos de forma que o predicado da sentença se aplique ao produto que é resultado de tal combinação.

Assim, em um exemplo como (11), ‘juntos’ combina os itens “vinagre” e “vinho”, e o predicado “tem um gosto ruim” se aplica não a um ou a outro, mas ao elemento que surge da mistura deles.

- (11) O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.

Da mesma forma, em uma sentença como (12), o termo tem a função de combinar os elementos “água sanitária” e “amônia” de forma que “podem causar infecções” se aplica não aos dois itens, mas ao resultado dessa combinação.

- (12) A água sanitária e a amônia podem causar infecções juntas.

A segunda interpretação que ‘juntos’ pode ter é a chamada “interpretação de cooperação”. Nesse tipo de interpretação, a expressão é responsável por unir “[...] dois ou mais indivíduos para a realização de uma ação de forma conjunta; cooperativa” (Basso; Araújo, 2024, p. 14). O exemplo (13) abaixo expressa esse tipo de leitura do item ‘juntos’:

- (13) Ana e Maria juntas fizeram o trabalho de química.

Nesse caso, o que temos não é mais uma combinação entre dois elementos, como na interpretação anterior, mas uma situação em que as participantes realizam a ação descrita pelo evento “fazer o trabalho de química” de forma coletiva e cooperativa, desempenhando, assim, o mesmo papel temático com relação ao evento, que é único.

Ainda sobre essa interpretação, podemos destacar como uma de suas características definidoras, segundo sugerem Basso e Araújo (2024), certos padrões de acarretamento ligados às sentenças com o ‘juntos’ na interpretação cooperativa. Se pensarmos novamente na interpretação coletiva para o exemplo (13), veremos que ele não acarreta (14a) nem (14b), o que indica que o evento só pode ter sido realizado por Ana e Maria de maneira coletiva.

- (14) a. Ana fez o trabalho de química³.
b. Maria fez o trabalho de química.

Passando para a terceira leitura que os autores apresentam para ‘juntos’, temos a “interpretação de mensuração”. Nessa interpretação, que é bastante parecida com o que Moltmann (2004) propõe para explicar o *together* no inglês, o papel da expressão ‘juntos’ é o de realizar uma mensuração que envolve os participantes, podendo ou não ser numérica (Basso; Araújo, 2024), como ilustrado na sentença (15):

- (15) João e Maria pesam 150 quilos juntos.

De forma simplificada, podemos dizer que, nesse tipo de interpretação, ‘juntos’ tem como função (i) demonstrar que cada um dos participantes da sentença possui uma medida individual e (ii) “[...] especificar que a soma das medidas dos membros do grupo produz a medida expressa” (Moltmann, 2004, p. 295, tradução nossa⁴) pela sentença.

Da mesma forma, em um exemplo como (16), em que não há uma medida numérica abertamente expressa, ainda é possível termos a interpretação indicada, visto que existe uma propriedade de mensuração relevante, como define Moltmann (2004):

- (16) Ana e Maria juntas compraram muitas roupas.

Em outras palavras, mesmo que não haja uma medida numérica representativa da quantidade de roupas compradas por Ana e Maria, a sentença pode ser interpretada de forma mensurativa, uma vez que é possível compreender que Ana comprou uma

³ A única possibilidade de acarretamento é (13) acarretar algo como “Ana fez parte do trabalho de química”.

⁴ “[...] to specify that adding up the measurements of the members of the group yields the measurement expressed” (Moltmann, 2004, p. 295).

quantidade x de roupas e Maria comprou uma quantidade y, que, somadas, resultaram em um grande número de roupas, evidenciado pelo intensificador ‘muitas’⁵.

Basso e Araújo (2024) nomeiam a penúltima interpretação que ‘juntos’ pode ter como “interpretação espaço-temporal” e afirmam que, nesse tipo de leitura, o papel desempenhado pela expressão é o de veicular que a ação descrita pelo evento da sentença ocorre ao mesmo tempo e em um mesmo espaço para todos os participantes, como em (17):

- (17) João e Maria moram juntos.

Como notam os autores, nesse caso, há duas interpretações que não podem ser consideradas separadamente:

A primeira delas é uma interpretação espacial, uma vez que, se João e Maria moram juntos, isso indica que eles ocupam o mesmo espaço. Além disso, a sentença [...] também evoca uma interpretação temporal, pois, se João e Maria moram juntos, significa que João mora em um local e, ao mesmo tempo, Maria também mora neste local - ou seja, [...] João e Maria moram simultaneamente no mesmo local (Basso; Araújo, 2024, p. 9-10).

Da mesma forma, em (18), temos uma sentença na qual a interpretação do item ‘juntas’ envolve as leituras temporal e espacial indissociavelmente:

- (18) Ana e Maria passaram as férias juntas.

Por fim, a quinta interpretação apresentada pelos autores é a “interpretação temporal”. Aqui, diferentemente da interpretação anterior em que há um único evento que aciona duas leituras, o que temos são “[...] dois (ou mais) eventos em que cada participante realiza a ação de forma individual, mas todos o fazem ao mesmo tempo” (Basso; Araújo, 2024, p. 14).

Se pensarmos na sentença (19), teremos, além da interpretação de que João e Maria saíram do mesmo espaço ao mesmo tempo, uma leitura em que João saiu de sua casa, que fica em um determinado lugar, e Maria saiu de sua casa, que fica em outro lugar. Sendo assim, o que temos em tal sentença são dois eventos distintos, inclusive espacialmente, que ocorrem ao mesmo tempo:

- (19) João e Maria saíram de casa juntos.

O uso da expressão “ao mesmo tempo” é, inclusive, uma estratégia adotada por Basso e Araújo (2024) para substituir o termo ‘juntos’ e identificar a leitura estritamente temporal. Assim, se substituirmos ‘juntos’ por ‘ao mesmo tempo’, veremos que a leitura relevante do exemplo (19) se mantém.

- (20) João e Maria saíram de casa ao mesmo tempo.

Além de apresentarem essas cinco interpretações possíveis para a expressão, Basso e Araújo (2024) também as organizam em termos de concretude e abstração. Isso porque, de acordo com os autores, o item ‘juntos’, e, por hipótese, todas as variações morfológicas de JUNTO, tem como função básica realizar uma soma mereológica que pode se manifestar tanto em dimensões concretas – como é o caso da interpretação de combinação, em que duas entidades concretas (dois elementos) são somadas, e o resultado é a criação de uma nova entidade – quanto em dimensões abstratas – como pode ser observado em uma leitura temporal, em que “[...] a soma possível se dá como sobreposição, ou seja, os eventos são somados num mesmo tempo, e assim interpretamos que eles ocorrem simultaneamente” (Basso; Araújo, 2024, p. 22). Podemos afirmar, então, que essas duas interpretações ocupam dois pontos extremos em uma escala de concretude/abstração e que as outras três interpretações possíveis para o item (a saber, as interpretações de cooperação, de mensuração e de contiguidade espaço-temporal) ocupam pontos intermediários nessa escala, com as duas primeiras tendo interpretações mais concretas, e a última tendo uma leitura mais abstrata.

⁵ Para essa interpretação, é interessante notar que pode ser o caso, por exemplo, que Ana comprou poucas roupas, mas se juntarmos o que Ana e Maria compraram, podemos ainda assim afirmar que juntas elas compraram muitas roupas na interpretação em foco.

Considerando, então, as questões apresentadas sobre interpretações possíveis para ‘juntos’, passaremos, agora, à análise das outras formas do item.

4 UMA ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DE JUNTO

Basso e Araújo (2024) já haviam apresentado algumas reflexões iniciais sobre a morfossintaxe de JUNTO. Por exemplo, ao levar em conta a flexão de número da expressão, os autores sugerem que uma mesma sentença, contendo uma mesma estrutura e os mesmos itens lexicais, pode apresentar interpretações diferentes ao ser modificada por ‘junto’ no singular e por ‘juntos’ no plural.

Sendo assim, ao analisarmos os exemplos (21) e (22) abaixo, é possível dizer que, enquanto a sentença (21) parece ter uma interpretação espaço-temporal, em que “João e Maria, além de compartilharem o mesmo tempo, compartilharam também o mesmo espaço, *i.e.* João e Maria foram a um encontro um com o outro” (Basso; Araújo, 2024, p. 13), a sentença em (22), além dessa interpretação de contiguidade espaço-temporal, também pode ter uma leitura estritamente temporal, em que João e Maria saíram de lugares distintos, mas o fizeram no mesmo instante.

- (21) João e Maria saíram junto.
- (22) João e Maria saíram juntos.

Essa diferença pode ser capturada pela aceitabilidade de continuações como “cada um de sua casa”, cujo papel é barrar a ideia de que estamos nos referindo a um mesmo espaço, e o que resta é apenas a interpretação temporal:

- (21a) João e Maria saíram junto, #cada um de sua casa.
- (22a) João e Maria saíram juntos, cada um de sua casa.

Esse mesmo padrão pode ser encontrado também nos exemplos abaixo:

- (23) Ana e Maria estudaram junto, #cada uma na sua casa. – Interpretação espaço-temporal.
- (24) Ana e Maria estudaram juntas, cada uma na sua casa. – Interpretação temporal.
- (25) Ana e Maria acordaram junto, #cada uma na sua cama. – Interpretação espaço-temporal.
- (26) Ana e Maria acordaram juntas, cada uma na sua cama. – Interpretação temporal.

Além disso, os autores também apontam, considerando agora questões sintáticas sobre o termo, que, além de modificar nomes em posição de sujeito e verbos, como podemos ver, respectivamente, nos exemplos (27) e (28), JUNTO também é capaz de modificar nomes em posição sintática de objeto, como mostra a sentença (29).

- (27) A água e o vinagre juntos têm um gosto ruim.
- (28) João e Maria viajaram juntos.
- (29) João conversou com Pedro e Maria juntos.

É interessante notar que, independentemente da posição sintática que o item ocupa na sentença, a interpretação possível sempre estará dentro das cinco possibilidades apresentadas na seção 2. No caso da sentença (29), é possível dizer que se trata de uma interpretação temporal, em que João conversou com Pedro e Maria ao mesmo tempo⁶.

Outra questão sintática sobre ‘juntos/as’ apresentada brevemente por Basso e Araújo (2024) é a possibilidade de mover o termo para diferentes posições sintáticas na sentença, como mostramos nos exemplos de (7) a (10), com a interpretação resultante sendo uma

⁶ Além de uma interpretação temporal, em que João conversou com Pedro e Maria ao mesmo tempo, mas sem que nenhum deles ocupasse o mesmo espaço (via videoconferência, por exemplo), em (29) também é possível pensar em uma situação em que, enquanto conversam com João, Pedro e Maria estão em um mesmo local ao mesmo tempo. Neste caso, teríamos uma sentença espaço-temporal.

das cinco apresentadas pelos autores. Assim, se pensarmos nas sentenças (8) e (10), retomadas abaixo, veremos que (8) parece ter uma interpretação de cooperação em que João e Pedro desempenham conjunta e coletivamente a ação descrita pelo evento “consertaram o carro”. Na sentença (10), por sua vez, apesar de ainda podermos interpretá-la cooperativamente, tal leitura parece disputar espaço com uma interpretação (espaço-)temporal, em que João e Pedro consertaram o carro no mesmo tempo e, muito provavelmente, no mesmo espaço – o resultado dessa última leitura é também uma cooperação, mas, diferentemente de (8), que não exige uma cooperação em que os dois estejam no mesmo espaço ao mesmo tempo; em (10) João e Pedro podem ter trabalho em turnos, por exemplo.

- (8') João e Pedro juntos consertaram o carro.
- (10') João e Pedro consertaram o carro juntos.

Dadas às questões propostas por Basso e Araújo (2024) para a morfossintaxe de JUNTO, iremos nos dedicar, nas subseções seguintes, a aprofundar tais apontamentos, bem como trazer outros apontamentos pertinentes sobre a morfologia e a sintaxe da expressão.

4.1 JUNTO VS. JUNTOS VS. JUNTAS: QUESTÕES SOBRE A FLEXÃO DE NÚMERO E GÊNERO

Como mencionamos no início deste artigo, JUNTO pode ser flexionado tanto em número, apresentando uma forma singular e uma forma plural, quanto em gênero, podendo ocorrer no masculino⁷ e no feminino. Dessa forma, podemos ter três diferentes formas para o item, a saber, o singular masculino ‘junto’⁸, o plural masculino ‘juntos’ e o plural feminino ‘juntas’. A expressão, no entanto, não ocorre no singular feminino, visto que a palavra ‘junta’, no português brasileiro, não funciona, como esperado de JUNTO, como um adjetivo ou advérbio, conforme ilustrado em (30), mas sim como um substantivo ou um verbo, como pode ser visto nos exemplos (31) e (32).

- (30) #Ana e Maria estudaram junta.
- (31) A junta mecânica é responsável por acoplar dois objetos.
- (32) A menina junta dinheiro para comprar um celular novo.

Outra questão que podemos apontar sobre a flexão de número e gênero de JUNTO é que ‘juntos’ e ‘juntas’ não apresentam nenhuma diferença significante entre si além do fato de que ‘juntos’ pode ser usado em sentenças em que os participantes sejam de gênero masculino, como em (33), ou em que existam participantes de ambos os gêneros, como em (34), ao passo que a expressão ‘juntas’ só pode ser aplicada ao modificar sentenças em que todos os participantes estejam no feminino, como pode ser visto em (35).

- (33) João e Pedro juntos pesam 100 quilos.
- (34) João e Maria juntos pesam 100 quilos.
- (35) Ana e Maria juntas pesam 100 quilos.

Como podemos notar, mesmo que haja diferença entre as expressões, já que as sentenças (33) e (34) são modificadas pelo item plural no masculino e o exemplo (35) é modificado pela expressão no plural feminino, a interpretação que temos não muda, isto é, as três sentenças apresentam a mesma leitura de mensuração.

O mesmo ocorre nos exemplos de (36) a (38) abaixo. Ainda que as duas primeiras sentenças sejam modificadas por ‘juntos’ e a última por ‘juntas’, todas elas apresentam uma interpretação espaço-temporal.

⁷ É possível argumentar que a forma masculina é, na verdade, neutra; porém, não entraremos em tal debate aqui e consideraremos apenas a forma superficial para classificação.

⁸ Mesmo que não haja a concordância esperada, ainda assim, é possível utilizar o item ‘junto’ no singular para modificar sentenças com predicados plurais, como mostra o exemplo abaixo, além de todos os outros apresentados ao longo deste artigo.

(1) João e Maria dormiram junto.

- (36) João e Pedro moram juntos.
- (37) João e Maria moram juntos.
- (38) Ana e Maria moram juntas.

Se pensarmos, porém, em uma mesma sentença sendo modificada pelo item no singular e no plural, veremos que o comportamento descrito acima nem sempre se mantém.

Para exemplificar a primeira questão, retomamos, no exemplo (39) abaixo, a sentença (11) modificada pelo item ‘juntos’ no plural e, em (40), apresentamos essa mesma sentença, mas, dessa vez, modificada por ‘junto’ no singular. Mesmo que a sentença (39) pareça mais familiar do que (40), ainda podemos afirmar que ambas apresentam uma interpretação de combinação de elementos, e que a diferença entre elas é estilística.

- (39) O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.
- (40) O vinagre e o vinho junto têm um gosto ruim.

Da mesma forma, se pensarmos exemplos como (41), que retoma a sentença (15), e (42), veremos que, ainda que a sentença seja modificada pelo item no plural em um deles e no singular em outro, e que aquela modificada pelo plural possa parecer melhor para alguns falantes, a interpretação de mensuração se mantém em ambas.

- (41) João e Maria pesam 150 quilos juntos.
- (42) João e Maria pesam 150 quilos junto.

O mesmo também ocorre para a interpretação de cooperação. Se analisarmos a sentença (43), que é modificada pela expressão no plural, e a sentença (44), modificada pelo termo no singular, veremos que, ainda que haja diferenças estilísticas, ambas apresentam uma leitura cooperativa.

- (43) João e Maria juntos consertaram o rádio.
- (44) João e Maria junto consertaram o rádio.

Pensemos agora na sentença (45a) abaixo que pode ser interpretada como Ana e Maria fazendo o vestibular ao mesmo tempo, mas em espaços diferentes, *i.e.*, em salas ou instituições distintas. Podemos, inclusive, com o intuito de comprovar que se trata de uma sentença com interpretação temporal, isto é, que une dois eventos distintivos em uma mesma continuidade temporal, substituir a expressão ‘juntas’ por “ao mesmo tempo” ou “no mesmo instante”, conforme apontamos anteriormente:

- (45) a. Ana e Maria fizeram o vestibular juntas.
- b. Ana e Maria fizeram o vestibular ao mesmo tempo.

Se compararmos (45) com (46), na qual usamos a expressão ‘junto’ no singular, veremos que, ainda que o traço temporal continue presente em (46), parece-nos que aqui também encontramos traços espaciais, o que faz com que a sentença passe a ser interpretada como tendo um único evento em que Ana e Maria fizeram o vestibular ao mesmo tempo e dividindo o mesmo espaço físico, isto é, próximas uma da outra. Podemos, inclusive, nesse caso, utilizar tal expressão para substituir ‘junto’.

- (46) Ana e Maria fizeram o vestibular junto.
- (47) Ana e Maria fizeram o vestibular próximas uma da outra.

Assim como (46) e (47), os exemplos (48) e (49) abaixo também demonstram que, a depender da sentença, usar a expressão ‘juntos/as’ ou ‘junto’ pode resultar em interpretações diferentes, já que, enquanto (48) pode ser lida de forma temporal, ou seja, como João e Pedro tendo nascido ao mesmo tempo, mas em lugares diferentes, (49) parece se referir a uma contiguidade espaço-temporal, em que o espaço e o tempo de nascimento dos dois participantes não podem ser desassociados.

- (48) João e Pedro nasceram juntos, cada um na sua cidade.
 (49) João e Pedro nasceram junto, #cada um na sua cidade.

Além disso, a exemplo de (45b) e (48), também podemos substituir nessas sentenças a expressão ‘juntos’ por “ao mesmo tempo” e ‘junto’ por “próximos um do outro”, como demonstram os exemplos (50) e (51) abaixo:

- (50) João e Pedro nasceram ao mesmo tempo.
 (51) João e Pedro nasceram próximos⁹ um do outro.

Por fim, não devemos desconsiderar que, em certos casos, ‘juntos’ também suscita uma leitura espaço-temporal, como pode ser visto no exemplo (52), que retoma (17).

- (52) João e Maria moram juntos.

Nessa sentença, ‘juntos’ desempenha o papel de demonstrar que João e Maria moram em um mesmo lugar *l*, no mesmo período de tempo *t*. Nesse caso, se substituirmos ‘juntos’ por ‘junto’, ainda teremos uma leitura espaço-temporal da sentença, como pode ser visto no exemplo (53).

- (53) João e Maria moram junto.

O que podemos concluir a partir da análise sobre as diferenças entre o item JUNTO no plural e no singular é que, quando se trata de interpretações que lidam com elementos concretos, como a interpretação de combinação, de cooperação e de mensuração, utilizar a expressão ‘juntos/as’ no plural ou ‘junto’ no singular não altera a leitura da sentença, como pudemos ver nos pares de exemplos (39)-(40), (41)-(42) e (43)-(44), ainda que a sentença modificada pelo termo no plural pareça mais comum. Por outro lado, quando se trata de interpretações que tratam de entidades mais abstratas, como as leituras de contiguidade espaço-temporal e a de continuidade temporal, vimos que as sentenças podem ser interpretadas de forma diferente se forem modificadas por ‘juntos/as’ ou por ‘junto’; ‘juntos/as’ pode ter leituras espaço-temporal e temporal, ao passo que ‘junto’ tem leitura apenas espaço-temporal.

Nossa hipótese para explicar tal comportamento é a de que ‘junto’ no singular apresenta traços mais concretos do que ‘juntos/as’ no plural. Quando se trata de interpretações que, por si só, já tratam de entidades concretas, utilizar uma ou outra forma do item não tem influência sobre a leitura da sentença. Já no que diz respeito às leituras com traços mais abstratos, isto é, as interpretações temporal e espaço-temporal, o item pode ser utilizado para fazer com que uma ou outra leitura seja predominante. Assim, se substituirmos a expressão ‘junto/as’ por ‘junto’ em uma sentença com interpretação temporal, que é a que apresenta o maior traço de abstração, adicionaremos a ela um traço espacial, que, por sua vez, trará um pouco mais de concretude à sentença, modificando a sua interpretação e passando a ter uma leitura de contiguidade espaço-temporal. Tal hipótese parece ir ao encontro da intuição de Basso e Araújo (2024) que, conforme apontamos nos exemplos (21) e (22), já haviam refletido sobre a diferença de interpretação em sentenças modificadas por ‘junto’ no singular ‘juntos(as)’ no plural.

No quadro a seguir, sistematizamos tal funcionamento da variação em número de JUNTO a depender da interpretação que a sentença modificada pelo item apresenta.

Interpretação	Tipo de entidade modificada por JUNTO	Mudança na interpretação ao serem modificadas por JUNTO no singular ou no plural?
Combinação	Concreta	Não
Cooperação	Concreta	Não

⁹ Aqui, o termo “próximos” deve ser interpretado como um marcador de espaço e de tempo.

Mensuração	Concreta	Não
Espaço-temporal	Abstrata	Sim (exceto nos casos em que o verbo da sentença é eminentemente espacial)
Temporal	Abstrata	Sim

Quadro 1: Funcionamento da variação de número de JUNTO nas diferentes interpretações

Fonte: autores (2025)

4.2 SOBRE A POSIÇÃO SINTÁTICA DE JUNTO

Para além de questões morfológicas, é importante que analisemos também o funcionamento sintático de JUNTO pois, como pode ser visto nos exemplos de (7) a (10), o item pode ocupar diferentes posições em uma sentença. Assim, analisar tal fenômeno pode nos ajudar a identificar se, e quando, (i) a mudança na posição sintática da expressão pode influenciar em sua interpretação e (ii) se tanto a forma do item no singular quanto a forma no plural podem ocupar essas diferentes posições de forma que a sentença gerada seja gramatical.

Começaremos tal análise com a sentença do exemplo (11), retomada abaixo, que apresenta uma interpretação de combinação.

- (11') O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.

Vejamos agora como tal sentença se comporta se for modificada pelo item JUNTO, em suas formas singular e plural, em diferentes posições sintáticas.

- (54) a. Juntos, o vinagre e o vinho têm um gosto ruim.
 b. Junto, o vinagre e o vinho têm um gosto ruim.
 c. O vinagre e o vinho juntos têm um gosto ruim.
 d. O vinagre e o vinho junto têm um gosto ruim.
 e. O vinagre e o vinho têm juntos um gosto ruim.
 f. O vinagre e o vinho têm junto um gosto ruim.
 g. O vinagre e o vinho têm um gosto ruim juntos.
 h. O vinagre e o vinho têm um gosto ruim junto.

Ainda que, como já havíamos comentado anteriormente, as sentenças modificadas pelo item ‘junto’ no singular não sejam agramaticais, elas não parecem tão comuns no PB quanto aquelas que são modificadas por ‘juntos’ no plural. Apesar disso, podemos afirmar que, nesse caso, independentemente da posição sintática da expressão, a interpretação de combinação se mantém em todas as sentenças.

Passemos agora para a interpretação de cooperação. Para tanto, retomamos o exemplo (13) abaixo e, em (55), apresentamos as sentenças que são geradas com a mudança na posição sintática de JUNTO.

- (13') Ana e Maria juntas fizeram o trabalho de química.
 (55) a. Juntas, Ana e Maria fizeram o trabalho de química.
 b. Junto, Ana e Maria fizeram o trabalho de química.
 c. Ana e Maria juntas fizeram o trabalho de química.
 d. Ana e Maria junto fizeram o trabalho de química.
 e. Ana e Maria fizeram juntas o trabalho de química.
 f. Ana e Maria fizeram junto o trabalho de química.
 g. Ana e Maria fizeram o trabalho de química juntas.
 h. Ana e Maria fizeram o trabalho de química junto.

Assim como vimos no exemplo anterior, com exceção, talvez, de (55h), as sentenças que são modificadas pela expressão no plural parecem mais comuns. Nesse conjunto de exemplos, porém, diferentemente de (54), a posição sintática de JUNTO, aparentemente, influencia na interpretação da sentença. Enquanto nas sentenças de (55a) a (55d) temos uma interpretação de cooperação, em (55e) e, especialmente, em (55g) tal leitura parece disputar espaço com uma interpretação temporal, e em (55f) e (55h) com uma interpretação espaço-temporal. Antes, porém, de levantar hipóteses para explicar tal fenômeno, devemos analisar o comportamento sintático do termo em suas outras interpretações.

Vamos, agora, retomar o exemplo (15), em que temos uma sentença com interpretação de mensuração, e analisar o comportamento de JUNTO em diferentes posições sintáticas.

- (15') João e Maria pesam 150 quilos juntos.
- (56)
 - a. Juntos, João e Maria pesam 150 quilos.
 - b. Junto, João e Maria pesam 150 quilos.
 - c. João e Maria juntos pesam 150 quilos.
 - d. João e Maria junto pesam 150 quilos.
 - e. João e Maria pesam juntos 150 quilos.
 - f. João e Maria pesam junto 150 quilos.
 - g. João e Maria pesam 150 quilos juntos.
 - h. João e Maria pesam 150 quilos junto.

Temos, aqui, a mesma situação com que nos deparamos ao analisar a mudança de posição sintática nos exemplos em (54). Mesmo que mudemos a posição de JUNTO, a interpretação relevante, que é, nesse caso, a de mensuração, mantém-se, e o uso da expressão no singular ou no plural não implica em nenhuma mudança significativa nas sentenças, além de resultar em sentenças mais ou menos comuns no PB.

Passando para a interpretação espaço-temporal, analisaremos o comportamento de JUNTO em diferentes posições sintáticas a partir da sentença (18), que retomamos abaixo.

- (18') Ana e Maria passaram as férias juntas.
- (57)
 - a. Juntas, Ana e Maria passaram as férias.
 - b. Junto, Ana e Maria passaram as férias.
 - c. #Ana e Maria juntas passaram as férias.
 - d. #Ana e Maria junto passaram as férias.
 - e. Ana e Maria passaram juntas as férias.
 - f. Ana e Maria passaram junto as férias.
 - g. Ana e Maria passaram as férias juntas.
 - h. Ana e Maria passaram as férias junto.

Da mesma forma que os exemplos anteriores, aqui, o uso do termo no plural e no singular não traz mudanças na interpretação da sentença, mas demonstra, mais uma vez que, à exceção de (57h), as sentenças em que JUNTO ocorre no plural são mais comuns. As sentenças (57c) e (57d), por sua vez, parecem estranhas, e, como mostraremos a seguir, isso parece ter relação com o tipo de interpretação que pode ser evocada com a expressão ocupando tal posição sintática.

Por fim, devemos analisar o comportamento de uma sentença com leitura temporal em que JUNTO ocupa diferentes posições sintáticas. Para isso, retomamos o exemplo (19).

- (19') João e Maria saíram de casa juntos.
- (58) a. Juntos, João e Maria saíram de casa.
 b. Junto, João e Maria saíram de casa.
 c. #João e Maria juntos saíram de casa.
 d. #João e Maria junto saíram de casa.
 e. João e Maria saíram juntos de casa.
 f. João e Maria saíram junto de casa.
 g. João e Maria saíram de casa juntos.
 h. João e Maria saíram de casa junto.

No que diz respeito à distinção entre singular e plural, podemos afirmar que, com exceção de (58f) e (58h), que podem ser interpretadas de forma espaço-temporal, isto é, como João e Maria saindo da mesma casa, ao mesmo tempo, o uso de uma ou de outra forma não impacta na leitura das sentenças ainda que, conforme temos insistido, as sentenças com ‘juntos’ no plural pareçam mais comuns. Falando especificamente sobre a posição sintática, percebemos que, assim como vimos no conjunto de exemplos em (57), as duas sentenças em que JUNTO modifica os sujeitos, isto é, (58c) e (58d), não parecem funcionar tão bem pois evocam uma interpretação de cooperação que não é possível para esse tipo de predicado.

Dadas as análises sintáticas de diferentes sentenças que apresentam as cinco interpretações possíveis para JUNTO, o que percebemos é que, no caso das leituras de combinação e de mensuração, a posição sintática do termo não parece interferir na interpretação da sentença. Logo, nessas duas leituras, a expressão pode ocupar qualquer uma das posições sintáticas possíveis. Por outro lado, no que diz respeito às interpretações de cooperação, de contiguidade espaço-temporal e de continuidade temporal, vimos que a posição sintática é importante para determinar a leitura que a sentença terá.

No caso da interpretação de cooperação, como vimos nos exemplos em (55), tal leitura é capturada mais facilmente quando JUNTO ocorre antes do verbo, modificando os sujeitos, e também quando aparece no início da sentença. Por sua vez, quando a expressão ocorre depois do verbo, vemos que há a possibilidade de interpretarmos a sentença também de forma temporal ou espaço-temporal, a depender de seu uso no singular ou no plural. Uma possível razão para que tal fenômeno ocorra é que, em sua maioria, as sentenças com interpretação de cooperação também podem ser lidas de forma (espaço-)temporal, visto que, ao cooperarem entre si, é muito provável que os participantes da sentença realizem a ação descrita pelo evento no mesmo espaço e/ou ao mesmo tempo. Assim, ao alterar a posição sintática de JUNTO, é possível que uma leitura esteja mais evidente que outra ou que duas leituras diferentes apareçam de forma concomitante.

Finalmente, no que diz respeito às interpretações espaço-temporal e temporal, vimos que tais leituras podem ser capturadas ou quando JUNTO aparece no início da sentença, separado do restante da oração por vírgulas, ou quando ocorre após o verbo. Além disso, notamos que, quando o termo ocorre em uma posição sintática que modifica os sujeitos da sentença, como nos exemplos (57c) e (57d) e (58c) e (58d), surgem traços de uma leitura cooperativa, que não parece possível para tais sentenças, já que seu predicado não está relacionado a uma situação em que os participantes dividem o mesmo papel temático ou, em outras palavras, cooperam entre si para a realização da ação descrita pelo evento.

4.3 JUNTO(S) VS. JUNTINHO(S): QUESTÕES SOBRE A FLEXÃO DE GRAU

Para além das flexões em número e em gênero, JUNTO também pode ocorrer no diminutivo, como visto nos exemplos de (4) a (6), em que temos as formas ‘juntinho’, ‘juntinhos’ e ‘juntinhas’.

Em sua acepção mais canônica, o sufixo *-inho* (assim como suas variações) é aplicado a substantivos e adjetivos e tem como resultado uma interpretação dimensional, segundo a qual o elemento em seu escopo tem sua denotação diminuída em alguma de suas dimensões. Contudo, diminutivos em PB podem ter diversas interpretações, todas com um fator em comum, que é a capacidade de manipular um grau associado ao que está sendo modificado, seja numa interpretação dimensional, seja numa interpretação

expressiva. Sendo assim, nesses casos, o papel do diminutivo é o de demonstrar “[...] que há um grau numa escala relevante que é mais alto que o padrão alçado no contexto para aquela escala” (Basso; Mendes de Souza, 2023, p. 62).

Em uma sentença como (59), por exemplo, ‘juntinhos’ é responsável por demonstrar que Pedro e João participaram do evento denotado pelo verbo “deitaram” em um grau maior do que poderia ser demonstrado pelo item ‘juntos’, algo equivalente a ‘muito junto’ – mas uma vez, vemos aqui a gradualidade associada ao uso de diminutivos. Em outras palavras, podemos dizer que, ao aplicarmos a expressão ‘juntinhos’, o que dizemos é que Pedro e João participaram de tal evento muito juntos.

- (59) Pedro e João deitaram juntinhos.

O mesmo parece ocorrer quando pensamos em tal item no feminino, como pode ser visto no exemplo (60). Assim como vimos em (59), nesta sentença, ‘juntinhas’ parece indicar um grau mais alto em uma escala de proximidade espacial do que ‘juntas’ e indicar que Ana e Maria realizaram o evento muito juntas.

- (60) Ana e Maria caminharam juntinhas.

Passando para as questões sintáticas das sentenças modificadas pela expressão ‘juntinho/s/as’, percebemos que, diferentemente de ‘junto/s/as’, que pode ocorrer tanto como um modificador nominal quanto como um modificador verbal, o item parece funcionar melhor quando modifica o verbo. Nos exemplos abaixo, que retomam as sentenças (59) e (60), podemos verificar esse comportamento do item.

- (59) João e Pedro deitaram juntinhos.

- (61) a. #Juntinhos, João e Pedro deitaram.
b. #João e Pedro juntinhos deitaram.
c. João e Pedro deitaram juntinhos.

- (60) Ana e Maria caminharam juntinhas.

- (62) a. #Juntinhas, Ana e Maria caminharam.
b. #Ana e Maria juntinhas caminharam.
c. Ana e Maria caminharam juntinhas.

Apesar de as sentenças em (61a) e (61b) e em (62a) e (62b) não serem, necessariamente, agramaticais, elas são estranhas. Ainda que possamos afirmar que a expressão ‘juntinhos/as’ tenha uma interpretação de intensificação, não nos parece que tal item funcione em todas as interpretações sugeridas por Basso e Araújo (2024). Em outras palavras, nem todas as interpretações descritas pelos autores apresentam uma leitura gradual ou podem ser associadas a escalas. Se pensarmos, por exemplo, nas interpretações de combinação, cooperação e mensuração, notaremos que ‘juntinhos/as’ não parece acionar uma gradualidade maior do que ‘juntos/as’ justamente porque não há escalas associadas a essas interpretações.

- (63) #O vinagre e o vinho têm um gosto ruim juntinhos. – Interpretação de combinação.

- (64) #Ana e Maria consertaram o carro juntinhas. – Interpretação de cooperação.

- (65) #João e Pedro ganham R\$ 4.000,00 juntinhos. – Interpretação de mensuração.

Ainda que não seja agramatical, a sentença (63) é bastante estranha no português brasileiro. Os exemplos em (64) e (65) também não são bons no PB, apesar de parecerem melhores que (63). Essa “melhora” que as duas últimas sentenças apresentam com relação à primeira, pode se dar porque nelas podemos encontrar algum resquício de uma leitura (espaço-)temporal, que é, como mostraremos a seguir, gradual. Assim, em (64), apesar de a expressão ‘juntinhas’ não funcionar com a interpretação de cooperação, ela pode evocar uma leitura em que as duas participantes da sentença, Ana e Maria, realizaram a ação descrita pelo evento ao mesmo tempo e, provavelmente, no mesmo espaço. Da mesma forma, ainda que, em (65), o ‘juntinhos’ não funcione para a interpretação de mensuração, a sentença pode, em algum contexto bastante específico, ser lida como João e Pedro ganhando o valor descrito ao

mesmo tempo (e, talvez, no mesmo espaço). Por fim, é interessante notar que (63), mesmo sendo ruim, só pode ser interpretada com uma leitura espacial, *i.e.*, vinagre e vinho muito próximos um do outro têm gosto ruim, o que é pragmaticamente estranho; mas a interpretação de combinação simplesmente não está disponível para (63).

Como já adiantamos, no que diz respeito às leituras espaço-temporal e temporal, ‘juntinhos/as’ pode ser interpretado de forma gradual, isto é, como expressando um grau de proximidade espaço-temporal maior do que ‘juntos/as’, demonstrando que os participantes de sentenças com tais leituras realizam a ação expressa pelo evento “muito juntos” (*i.e.*, com mais proximidade e concomitância temporal do que o que ‘junto(s)’ veicula). Em (66), podemos entender que “passar as férias juntinhos” significa que João e Maria passaram as férias muito juntos, isto é, não ficaram separados em nenhum momento (contextualmente relevante). Já em (67), a leitura que temos é a de que Ana e Maria cruzaram a linha de chegada muito juntas, ou seja, sem nenhum segundo de diferença (contextualmente relevante).

- (66) João e Maria passaram as férias juntinhos. – Interpretação espaço-temporal
- (67) Ana e Maria cruzaram a linha de chegada juntinhas. – Interpretação temporal.

A partir de tais exemplos, é possível questionar por que a forma no diminutivo da expressão JUNTO não pode ser utilizada em todas as cinco interpretações postuladas por Basso e Araújo (2024) para o item. Para responder a esse questionamento, devemos retomar as propriedades de cada uma das leituras propostas pelos autores. Enquanto as interpretações de combinação, cooperação e mensuração possuem características mais concretas, uma vez que tratam, respectivamente, da criação de um novo elemento, da realização de uma ação e do surgimento de um novo valor a partir de medidas individuais, as leituras espaço-temporal e temporal, por sua vez, atuam sobre entidades que apresentam atributos mais abstratos, isto é, posições no espaço e no tempo.

Sendo assim, nossa hipótese para explicar a razão de algumas interpretações funcionarem com a expressão no diminutivo, enquanto outras não, tem relação justamente com o nível de concreto/abstrato de tais interpretações. A partir disso, podemos dizer que as interpretações que atuam sobre entidades concretas não funcionam com ‘juntinhos/as’ pois, nesses casos, não é possível que haja uma escala que meça o quanto junto essas entidades estão, pois ou elas estão juntas ou não, sem graduação. Se retomarmos a sentença em (63), por exemplo, veremos que não importa se os elementos “vinagre” e “vinho” estavam muito ou pouco juntos – o que é relevante para tal sentença é se esses elementos estavam (fisicamente) juntos ou não. O mesmo ocorre nas sentenças (64), em que o importante é se a ação foi realizada de forma coletiva ou não pelos indivíduos, e (65), cuja informação relevante é se o valor apresentado corresponde ou não ao que João e Pedro ganham juntos.

Por sua vez, as leituras relacionadas à contiguidade espaço-temporal e à continuidade temporal podem ser entendidas como escalares justamente porque, quando se trata de espaço e de tempo, é possível que os eventos, como visto anteriormente, possam ser realizados em um grau de maior ou menor proximidade. Assim, em um exemplo como (66), pode ser relevante saber se os indivíduos passaram as férias muito ou pouco juntos. Da mesma forma, a depender do contexto, também pode ser importante saber, como visto em (67), se duas pessoas cruzaram a linha de chegada juntas ou muito juntas.

Além disso, a forma JUNTO no diminutivo também pode apresentar variação de número, isto é, além de ‘juntinhos’ e ‘juntinhas’ a expressão ‘juntinho’ também pode ser utilizada para modificar sentenças no PB¹⁰. E, assim como vimos na subseção anterior, o que distingue as duas formas em uma mesma sentença é o fato de ‘juntinho’ no singular apresentar um traço espacial que ‘juntinhos’ não apresenta¹¹. As sentenças abaixo mostram o funcionamento de tal fenômeno.

- (68) João e Pedro nasceram juntinhos – Interpretação temporal.
- (69) João e Pedro nasceram juntinho – Interpretação espaço-temporal.

Assim como vimos nos exemplos (48) e (49), que tratavam da distinção entre as leituras de ‘junto’ e ‘juntos’, aqui também é possível apontar que, enquanto em (68), o que temos é uma interpretação temporal em que João e Pedro nasceram “muito juntos” do ponto

¹⁰ Assim como a forma no feminino singular ‘junta’, ‘juntinha’ também não parece funcionar no português brasileiro.

¹¹ Isso, é claro, desconsiderando a sentença cuja interpretação é eminentemente espacial, como, por exemplo, “João e Maria moram juntinhos/juntinho”.

de vista temporal, isto é, em uma situação em que eles nasceram em lugares diferentes mas exatamente no mesmo segundo, o exemplo (69) é melhor interpretado de um ponto de vista espaço-temporal, em que os dois participantes da sentença nasceram “muito junto(s)” não apenas temporalmente como espacialmente, como, por exemplo, em uma situação em João e Pedro são gêmeos e nasceram de um parto cesariano¹².

5 CONCLUSÃO

Baseados nas questões iniciais apresentadas por Basso e Araújo (2024), apresentamos uma investigação sobre a morfossintaxe de JUNTO no PB, cujo principal objetivo é demonstrar como o comportamento morfológico e sintático da expressão pode influenciar sua interpretação semântica.

Nosso primeiro apontamento foi mostrar que, diferentemente do *together*, que pode ser compreendido como uma contraparte de JUNTO no inglês (Basso; Araújo, 2024), o termo do PB pode variar em gênero, número e grau.

No que diz respeito às variações de gênero e número, o item apresenta as seguintes formas: masculino singular, masculino plural e feminino plural. Não há flexão no feminino singular, pois a palavra ‘junta’, no português brasileiro, funciona como um substantivo ou verbo, e não como adjetivo ou advérbio, como se espera de JUNTO. Além disso, no que diz respeito às formas masculino plural e feminino plural, para além do fato de a segunda só poder modificar sentenças cujos participantes estejam flexionados no gênero grammatical feminino, as duas não apresentam nenhuma diferença que impacte as leituras que as sentenças modificadas por JUNTO podem ter.

Na verdade, conforme demonstramos, o que parece suscitar diferentes interpretações é o uso da expressão no plural ou no singular. No entanto, isso ocorre apenas para as interpretações que tratam de entidades mais abstratas, a saber, as leituras de contiguidade espaço-temporal e de continuidade temporal.

Também vimos que, para certos tipos de leitura das sentenças modificadas pelo JUNTO, alterar sua posição sintática pode trazer mudanças em como tais sentenças são interpretadas. É o caso de sentenças com interpretação de cooperação, que, por sua vez, podem apresentar também uma leitura (espaço-)temporal quando o termo ocorre em uma posição sintática pós-verbal. Da mesma forma, nas interpretações espaço-temporal e temporal, quando JUNTO ocorre em uma posição em que modifica os sujeitos da sentença, podem ser encontrados traços de uma leitura cooperativa. Tal interpretação, porém, não parece possível e tais sentenças não são aceitáveis, visto que o predicado, na grande maioria das vezes, está relacionado a uma ação que os participantes realizam contiguamente ou continuamente, mas não necessariamente cooperativamente.

Além dos fenômenos morfossintáticos relacionados às variações de número e gênero de JUNTO, também nos dedicamos a analisar sua variação de grau, isto é, sua ocorrência no diminutivo. A partir disso pudemos notar que, no português brasileiro, ‘juntinho/s/as’ parece ter o papel de demonstrar que os participantes de uma sentença modificada pelo termo realizam o evento denotado pelo verbo de ação em um grau/escala maior do que pode ser demonstrado por ‘junto/s/as’. Em outras palavras, os participantes realizam a ação ‘muito junto(s)’.

Não são todas as interpretações de JUNTO que apresentam uma leitura escalar e/ou gradual compatível com ‘juntinho/s/as’. A partir da análise empreendida, notamos que apenas as leituras espaço-temporal e temporal apresentam tal comportamento, e a hipótese para explicar isso está relacionada, mais uma vez, ao fato de tais interpretações estarem relacionadas a questões mais abstratas, o que torna possível mensurar se os eventos foram realizados com um grau de proximidade (espacial e/ou temporal) maior ou menor.

¹² Como dito no início do artigo, não exploraremos aqui as variações da expressão ‘junto’ no aumentativo, visto que elas não ocorrem com tanta frequência quanto às outras que foram analisadas e, portanto, acreditamos que os resultados obtidos não seriam tão produtivos. Seja como for, a previsão é que o aumentativo, quando possível, ocorre nas mesmas interpretações que aquelas do diminutivo, justamente porque estamos também diante de uma operação de grau.

Ainda no âmbito da morfologia, também foi possível notar que, assim como ocorre com ‘junto’ e ‘juntos’, sentenças modificadas por ‘juntinho’ e por ‘juntinhos/as’ apresentam interpretações diferentes, uma vez que o item no plural parece forçar uma leitura estritamente temporal, enquanto no singular a expressão evoca, além da interpretação de continuidade no tempo, um traço espacial.

Por fim, no que diz respeito à sintaxe do item, ele parece funcionar de maneira diferente do que vimos para ‘junto(s)’, pois enquanto este pode ocorrer tanto como um modificador nominal quanto como um modificador verbal, ‘juntinho/s/as’ só parece funcionar bem no PB quando modifica o verbo.

De forma geral, pudemos observar como um estudo detalhado da morfossintaxe de JUNTO pode contribuir para a compreensão do funcionamento semântico de tal expressão. Ainda que este seja mais um passo na análise e descrição do item no PB, restam ainda inúmeras questões em aberto, como, por exemplo, a análise de características pragmáticas envolvidas em sentenças modificadas por JUNTO, um estudo aprofundado da expressão da antidistributividade do item e uma descrição formal de sua contribuição semântica. Ainda que tais questões mereçam um trabalho aprofundado no futuro, o presente artigo contribui não apenas para a investigação de JUNTO, como também para os estudos semânticos do PB de forma geral.

REFERÊNCIAS

BASSO, R. M.; ARAÚJO, A. C. S. Sobre a semântica de “juntos” no português brasileiro: tipologia e investigação preliminar. *Gragoatá*, Niterói, v. 29, n. 64, e60739, p. 1-25, maio/ago. 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/60739/37279>. Acesso em: 16 ago. 2024.

BASSO, R. M.; MENDES DE SOUZA, L. Modificadores graduais coloquiais: o caso de ‘pra caralho’: Colloquial scalar modifiers: the case of ‘pra caralho’. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), São Paulo, v. 51, n. 2, p. 544-560, 2023. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/view/3339>. Acesso em: 22 abr. 2024.

BENNETT, M. R. *Some Extensions of a Montague Fragment of English*. 1974. 327f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Los Angeles, 1974.

GOMES, A. P. Q. Todos juntos: um estudo do papel da flutuação de todos nas relações informacionais da sentença. *Revista do GEL*, Araraquara, SP, v. 3, p. 83-106, 2006. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/327>. Acesso em: 24 mar. 2025.

HOEKSEMA, J. Plurality and Conjunction. In: MEULEN, A. G. B. (ed.). *Studies In Model theoretic Semantics*. Dordrecht: Foris Publications, 1983.

LASERSOHN, P. Events in the Semantics of Collectivizing Adverbials. In: ROTHSTEIN, S. (ed.). *Events and Grammar: Studies in Linguistics and Philosophy*. Dordrecht: Springer, 1998. v. 70. p. 273-292.

MOLTMANN, F. The Semantics of Together. *Natural Language Semantics*, [s. l.], v. 12, p. 289-318, 2004. Disponível em: <http://www.friederike-moltmann.com/pdf/The%20Semantics%20of%20Together.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2025.

SCHWARZSCHILD, R. Together as a Non-distributive Marker. In: DECKER, P.; STOKHOF, R. (ed.). *Proceedings of the 8th Amsterdam Colloquium*. Amsterdã, 1992.

SCHWARZSCHILD, R. Plurals, Presuppositions and the Sources of Distributivity. *Natural Language Semantics*, [s. l.], v. 2, p. 201-248, 1994. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF01256743>. Acesso em: 24 mar. 2025.



Recebido em 11/05/2024. Aceito em 11/08/2024.

Publicado em 25/06/2025.